

REGIÃO METROPOLITANA

SALVADOR

Editor-coordenador
Luiz Lasserre
llasserre@grupootarde.com.br

salvador@grupootarde.com.br

TRANSPORTE Metrô faz novo teste no trecho Rodoviária - Pituaçu

www.atarde.com.br

FRANCO ADAILTON

Parte do Programa de Prevenção de Desastres Naturais do Governo Federal, o anunciado projeto de macrodrenagem, canalização e revestimento das calhas de trechos do rio Jaguaribe ainda não saiu do papel, mas já está envolto em polêmica quanto à alteração do estado natural de seu leito.

Sob responsabilidade da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado (Conder), a obra orçada em R\$ 273 milhões coloca em lados opostos os poderes públicos, defensores do formato original do curso hídrico e moradores próximos das margens que alagam nos tempos chuvosos.

A intervenção no Jaguaribe segue a mesma linha de canalização de três afluentes que abastecem seu leito: os rios Mangabeira, Passa Vaca e Trobogy. O primeiro com intervenção prevista a cargo da Conder, enquanto os dois últimos já passam por obras de canalização executadas pela Prefeitura.

Na foz do Jaguaribe, já é possível avistar as marcações onde serão implantadas as calhas de concreto nas margens. A canalização do rio Trobogy está com 48% da obra concluída. No rio Passa Vaca, operários estão na fase de escavação. E no rio Mangabeira, ainda não há sinal de intervenção.

O principal argumento dos poderes públicos é de que a canalização dos rios tem por objetivo conter os alagamentos ao longo do curso dos corpos hídricos, que, historicamente, tiveram suas margens ocupadas desordenadamente por populações de baixa renda.

Por outro lado, movimentos ambientalistas condenam a canalização dos rios, sobretudo na foz do Jaguaribe (que deságua na praia de mesmo nome), defendem a preservação dos ecossistemas hídricos, alegam prejuízos ambientais irreparáveis e clamam por saneamento para evitar poluição das águas.

Ecossistema

Para manter o ecossistema do rio intacto, movimentos como a Associação de Moradores e Amigos de Jaguaribe, Viva o Parque de Pituaçu e SOS Vale Encantado têm somado forças na tentativa de reverter a decisão do governo estadual.

“Os projetos vão na contramão das cidades sustentáveis”, avalia Virgílio Machado, membro do SOS Vale Encantado. “Há um ecossistema bem delineado nessa região, com mar, rios, mata atlântica e mangue, que será alterado”, acrescenta.

Segundo a publicação “O Caminho das Águas em Salvador”, na Bacia Hidrográfica do rio Jaguaribe, existem importantes remanescentes de vegetação nativa, característicos do bioma Mata Atlântica. “Essa faixa verde [...] serve como refúgio para muitas espécies animais”, indica o livro.

O mesmo texto ressalta que, na foz do rio Passa Vaca, onde as escavações encontram-se em estágio avançado, localiza-se o último remanescente de manguezal no meio urbano da Orla Atlântica de Salvador. “É um rio com importância marinha, pois serve de berçário e berçário de várias espécies”, destaca o livro.

Morada de Jaguaribe, a bióloga Maira Azevedo sugere que, em vez de concretar as margens na foz no trecho da orla, o projeto deveria incluir a recomposição das matas ciliares. “É preciso preservar as áreas de vazão dos rios, assim como refluir suas margens”, diz.

Sobrevivência

Para a comerciante Marli Santos, 46 anos, a canaliza-

Ações em rios dividem gestores e ambientalistas

CAPITAL Canalização rende debate sobre demanda urbana e preservação de ecossistemas



O rio Jaguaribe deságua em Piatã, na 3ª Ponte da Av. Octávio Mangabeira



Operários atuam na macrodrenagem do rio Passa Vaca



Marli Santos espera canalização do rio Mangabeira

ção do rio Mangabeira é uma questão de sobrevivência. Há 25 anos, a família dela convive com as enchentes na rua Beira Rio, que fica no Bairro da Paz.

A casa de Marli está localizada sobre a adutora de água de abastecimento da cidade, às margens do rio, que, cercado de moradias,

pede passagem quando a chuva cai forte. A mulher conta que a água suja invade as moradias precárias, junto com lixo jogado pela população, animais e doenças.

“Não só eu, mas muitos moradores aqui já perderam muita coisa: colchão, sofá, rack, armário, guarda-roupa. A gente dá um du-

ro danado. É muito sofrimento”, lamenta. “Sem falar que a água é suja, traz lixo, cobras e ratos para nossas casas”, completa.

O drama de viver na área de vazão dos rios aflige também moradores de áreas nobres, a exemplo da administradora Rosa Brito, 65 anos, que mora há quatro décadas

no Village Piatã. Ela diz que vários moradores já tiveram prejuízos com as inundações do rio Jaguaribe, sobretudo na maré cheia.

“Já chegamos ao ponto de ver carros carregados pela água. Todo mundo fica de sobreaviso, quando chove. A gente torce para que a obra comece logo”, anseia.

“É preciso pensar nas pessoas que vivem sobre a adutora”

SÉRGIO SILVA, diretor da Conder



Diretor da Conder defende o revestimento das margens

O diretor de obras estruturantes da Conder, Sérgio Silva, explica que a canalização dos afluentes teve como consequência a necessidade de igual intervenção no Jaguaribe, uma vez que o volume de água do rio principal deverá aumentar, assim como o risco de inundação.

“Com a canalização do rio Trobogy, haverá um aumento da vazão no Jaguaribe. O mesmo ocorrerá quando a obra do rio Mangabeira estiver pronta”, explica. “Por isso, é necessário fazer o revestimento das margens, para suportar a contribuição dos afluentes”, completa.

Além disso, continua o gestor, o revestimento das margens garantirá a melhoria do escoamento das águas e controle das cheias. Silva garante que o projeto não prevê o tamponamento do Jaguaribe, como foi feito nos rios das Pedras (Imbuí), Seixos (Centenário) e Lucaia (Vas da Gama).

O diretor frisa que as obras têm componentes de responsabilidade social, já que, segundo dados da Conder, cerca de 400 mil pessoas são prejudicadas com as cheias. Em função do projeto, cerca de 300 famílias sairão das margens do Mangabeira para novas casas.

“Entendo a preocupação com a paisagem da cidade, mas é preciso pensar também nas pessoas que vivem sobre a adutora nos bairros pobres”, rebate. “Não vamos fazer do Jaguaribe o que foi feito no Camarajipe”, compara, em referência ao chamado “Rio das Tripas”, que deságua no Costa Azul.

Município

Por meio de nota, a Secretaria Municipal de Infraestrutura e Obras Públicas (Seinfra) informa que as intervenções nos rios Passa Vaca e Trobogy visam promover o revestimento lateral em ambos os corpos hídricos, com investimentos da ordem de R\$ 98,1 milhões.

O comunicado reforça que as obras são indispensáveis para a solução dos problemas crônicos de alagamentos na região. Com a intervenção no rio Trobogy, diz o texto, o assoreamento do corpo hídrico será interrompido, “garantindo a sua integridade e recuperação do leito”.

As obras preveem, ainda, intervenções como microdrenagem na avenida Tamburugy (Patamares), implantação de pontilhão sobre o rio Passa Vaca, recuperação das matas ciliares e execução da barragem na lagoa do Vale Encantado.

Fotos Xando Pereira / Ag. A TARDE

Mila Cordeiro / Ag. A TARDE